
CHRONICAS DO CUYABÁ

Entre os papeis deixados pelo tenente-general José Arouche de Toledo Rendou e a mim confiados pelos seus herdeiros, encontrei umas interessantes *Chronicas do Cuyabá*, contendo a narrativa dos principaes acontecimentos que se deram em Matto-Grosso desde as primeiras invasões que lá fizeram os paulistas até o tempo em que o chronista estava escrevendo.

Examinando o manuscripto e enumerando as suas folhas, todas deslocadas, verifiquei que a relação dos factos anteriores a 1718 é muita vaga e obscura, de modo que não dá uma ideia exacta das expedições paulistas de Antonio Raposo e de Luiz Pedroso de Barros, que atravessaram aquelles sertões pelos annos de 1648 a 1662 em busca dos thesouros do Perú, occultos nas entranhas dos Andes, e que nem mesmo foram mencionadas as invasões de alguns outros paulistas, como Pedroso Xavier, Braz Mendes Paes, Pedro Leme, que, em varias épocas, estiveram na serra de Maracajú em lucta com os hespanhóes do Paraguay, e João Martins Barros que mais tarde, por ordem do capitão-general

D. Luiz Antonio de Souza, fundou nessa região a desgraçada colonia paulista de Yguatemy.

De 1723 em diante a historia toma a fórma chronologica e vae narrando os factos de anno para anno com grande precisão e clareza. A narrativa foi escripta por Joaquim da Costa Siqueira, vereador da camara de Cuyabá, em virtude de ordem do governo portuguez, datada de 20 de Julho de 1782. Diz o chronista que para os factos occorridos até o anno de 1765, não fez mais do que copiar, com algumas correções, as *Chronicas do Cuyabá* de José Barbosa de Sá, e que daquella data em diante descreveu os factos por conta propria, conforme o conhecimento pessoal que delles tinha.

Faltam ao manuscripto muitas folhas contendo a relação dos acontecimentos occorridos de 1731 a 1747 e de 1781 até o final, que deveria ser pelos annos de 1783 e 1784. A Bibliotheca Nacional possui dois exemplares das *Chronicas do Cuyabá* de José Barbosa de Sá, até hoje ineditas, tendo um exemplar sido comprado juntamente com a *Collecção Carvalho* e outro sido recebido como doação feita pelo dr. João Severiano da Fonseca, que o trouxe de Cuyabá por occasião da sua viagem á roda do Brazil.

Foi-me facil obter daquella bibliotheca uma cópia daquelle manuscripto na parte relativa aos factos acontecidos nos annos de 1731 a 1747 e assim supprir a grande lacuna que encontrei no manuscripto de Joaquim da Costa Siqueira, existente em meu poder. Ficou, portanto, continua e completa a narrativa desde as origens do Cuyabá até 1781 e muito interessante para a historia colonial de S. Paulo e Matto-Grosso.

A falta das ultimas folhas prejudica a historia da capitania de Matto-Grosso, mas não affecta a narrativa anterior até o anno a que ella chega, podendo-se con-

siderar que o chronista por algum motivo deixou de completar a sua obra, que ficou interrompida no anno de 1781.

Nestes termos, fiz a cópia de todo o manuscrito, inclusivé a parte vinda da Bibliotheca Nacional, anotei-o em todos os pontos que me pareceram obscuros, accrescentei-lhe em nota *in fine* a descripção de umas festas celebradas em Cuyabá, em 1790, em honra do ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhes, conforme umas notas truncadas que tambem foram por mim encontradas entre os papeis do general Arouche, e de tudo faço presente ao Instituto Historico de S. Paulo, certo de que merecerá um logar na sua *Revista* e será devidamente apreciado pelos estudiosos da historia patria.

A. DE TOLEDO PIZA.

Chronicas do Cuyabá

ou

Relação Chronologica dos estabelecimentos, factos e successos mais notaveis que aconteceram nestas minas do Cuyabá, desde o seu estabelecimentos por ordem da Rainha Nossa Senhora (1), expedida pelo seu Tribunal do Conselho Ultramarino em 20 de Julho de 1782, que se acha no archivo do Senado da Camara desta villa e registrado no Livro do Registro das Provisões, a fls. 196 verso, sendo presidente deste mesmo Senado o doutor Diogo de Toledo Lara Ordonhes (2),

(1) Rainha D. Maria I, que succedeu a seu pae D. José I em 1777. Esta exposição está um tanto obscura. As minas do Cuyabá foram descobertas pelos paulistas em 1718; a povoação do Cuyabá foi elevada a villa em 1º de Janeiro de 1727 e desde então havia lá governo regular. Em 1748 foi creada a capitania de Matto-Grosso, desmembrada da de S. Paulo, sendo sua capital a povoação de Villa Bella. A ordem régia de 20 de Julho de 1782 determinava que as camaras municipaes registrassem os acontecimentos mais notaveis da colonia e não se referia ao estabelecimento das minas, como se póde inferir da linguagem aqui empregada.

(2) Era irmão do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e, como este, formado em direito na universidade de Coimbra; foi ouvidor de Cuyabá e subiu na magistratura até pertencer ao Desembargo do Paço; foi membro da Assembléa Constituinte em 1823, mas não tomou assento, e foi tambem membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

(N. do C.).

vereadores o capitão Joaquim Lopes Poupino, o tenente Joaquim da Costa Siqueira, o alferes Manoel Nunes de Brito Leme e procurador Manoel Ventura Caldas, escreveu o segundo vereador já declarado, que por não achar outras algumas lembranças antigas, nem também pessoas daquelle primeiro tempo, para os poder mendigar, se viu obrigado a escrever fielmente tudo quanto havia escripto José Barbosa de Sá, advogado que foi dos auditorios desta villa e seu republicano, que ainda nesse tempo poudo conseguir algumas noticias antigas, e as mais que presenciou e succederam, estando elle nestas minas, até o anno de 1765; corrigindo unicamente aquillo que poudo achar contrario e accrescentando as que se omittiram, talvez por falta de lembranças, e proseguindo do dito anno de 1765 em deante com os mais factos que ocularmente presenciou, e outros que são constantes, e praticando o mesmo systema que teve aquelle primeiro escriptor (1) de relacionar também todos os ministros e parochos que se têm seguido do dito anno para cá.

Entre as mais colonias do brazileo Estado ou America Portugueza merece primazia a celebre cidade de S. Paulo, famosa planta do santo e veneravel Padre José de Anchieta, missionario do Brazil, da companhia de Jesus, natural das ilhas de Canaria, no territorio chamado dos seus naturaes *Piratininga*, regado com as aguas dos rios *Tieté* e *Tamanduatiba*, adonde a Fé levantou o primeiro padrão e arvorou os seus estan-

(1) O escriptor citado é José Barbosa de Sá, cuja obra parece que se perdeu.

dartes, fazendo celleiro da Palavra Divina para estender nas dilatadas sementeiras deste extenso hemispherio, cultivando os agrestes silvados do paganismo em fructiferos vergeis da Egreja Santa.

Continuando, os moradores daquella extensa capitania, operarios desta santa lavoura, em militares progressos, a expugnaram dos comarcãos de onde colhiam almas para Deus e utilidades humanas, augmentos com que se estabeleceram aquelle paiz e seus adjacentes. Invadidos os mais propinquos, foram se extendendo aos longes, fazendo com os mesmos neophitos guerra ás mais remotas barbaridades. Huns para os *Catagoás*, sitio chamado hoje *Minas-Geraes*, para os *Caêtezes*, *Coroados*, *Puris* e outras nações até o rio de S. Francisco (1). Outro, cursando o vasto poder do *Cayapó*, chegaram aos Goyas, Carayas, Quirixás e outros varios que de todos tiravam muita somma delles e reduziam do agreste á vida catholica e urbana. Outros, com dobradas forças, rodando as aguas dos rios Tieté e *Anhambahi*, chamado hoje *Rio Grande*, (2) foram colhendo va-

(1) Na historia colonial de S. Paulo é muito mencionado o rio de S. Francisco do Sul, que por muitos annos pertenceu á capitania de S. Paulo e depois passou a servir de limite da capitania com o territorio de Santa Catharina, annexado ao Rio de Janeiro. Aqui se refere ao grande rio S. Francisco, que rega Minas Geraes, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe e desagua no Atlantico ao norte da cidade de Bahia.

(2) Aqui deve haver engano do chronista; o Rio Grande não tinha este nome. Si é *Anhemi*, é o proprio rio Tieté que assim era chamado pelos indios, e si é *Amambahy*, é um riacho que vem da serra do Maracajú, em Matto-Grosso, desaguar na margem direita do Paraná, muito acima do salto das Sete Quedas.

rias gentes até as barras do rio *Panema*, *Pardo* e *Anhanduhi* (1), entre varios lances de fortuna em continuação dos tempos de quem seguiremos os passos como objecto da nossa historia.

Versando estes famosos aventureiros, tanto americanos a quem chamavam *paulistas* pela nominação da patria, como europeus chamados *emboabas*, nome derivado das gallinhas calçadas por não largarem as meias e sapatos em todo o serviço, auxiliados dos mesmos indios que amansavam, com quem faziam guerra as barbaridades. Acharam nos principios além do rio Panema algumas povoações de gentes catholicas, reduzidas pelos padres missionarios castelhanos (2), com egrejas já levantadas e offerecidas, e officinas de varias fabricas que expugnaram, prenderam muitos dos indios, lançaram os brancos e destruíram as feitorias. Acha-se ainda hoje por memoria nesses logares um montão de telha arrumada (3), coberta de matto, um quarto de legua afastado da barra do rio Panema.

(1) *Anhanduhi* é affluente do Rio Pardo; ambos nascem em Matto-Grosso, nos sertões do Maracajú e Camapuan, e vêm desaguar na margem direita do Paraná muito abaixo da barra do Tieté. O Rio Pardo era muito frequentado pelos paulistas em viagem para Cuyabá.

(2) Refere-se aqui ás Missões dos jesuitas do *Goayrá*, destruidas pelos paulistas, commandados por Antonio Raposo e Manoel Preto Moreira, nos annos de 1629 a 1632. Vide vol. IX do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(3) Essas ruinas são as de *Villa Rica*, povoação que não estava sobre o rio Paranapanema, porém sobre o rio Ivahy, na barra de um riacho a que se chamou rio *Mourão*, em honra a D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, e a que o mappa de Nolte dá o nome de *Curumbatahy*.

(N. do C.).

Subindo o Rio Pardo e tomando a barra do Anhanduhy e Anhangoby, que são dous rios nascidos de uma madre, navegando estes acima, acharam seis povoações de gente castelhana, brancos, indios e mestiços, com egrejas, casas de telha e officinas de varias operações, bois, cavallos e carneiros, a quem os nossos famosos capitães, como fieis portuguezes, fizeram guerra, e pondo em fuga os brancos recolheram muitos indios, destruíram e queimaram as feitorias, vendo que pertenciam aquelles logares aos dominios portuguezes, adonde se acha por memoria algum gado vaccum, chamado hoje *A Váccaria* (1), o que causou tanto espanto e terror ás

(1) E' pena que o chronista não cite as datas dos acontecimentos, os nomes dos chefes destes destemidos bandeirantes. Entretanto é certo que se trata ainda do celebre sertanejo Antonio Raposo, o mesmo que destruiu as missões jesuiticas do Goayrá nos annos de 1629 a 1632. Partiu Antonio Raposo de S. Paulo em 1648 por caminho que os chronistas não mencionam; em 1649 estava elle em territorio de Matto-Grosso, onde encontrou varias aldeias de indios catechizados pelos jesuitas hespanhóes, vindos do Paraguay. Estas aldeias estavam algumas no planalto da serra do Maracajú, entre as cabeceiras dos rios Nhanduhy e Pardo, affluentes do Paraná, e do Cahy, affluente do Mbotetey; outras estavam no valle do rio Mbotetey e outras ainda no valle do rio Paraguay, pouco abaixo da barra do Mbotetey; foram todas, *Cruz de Botanos, Xeres, Itutin, Nossa Senhora da Fé* e outras, destruidas pelo dito Antonio Raposo, que depois seguiu dali para a Bolivia e Perú, onde deu combate aos hespanhóes, atravessando os Andes e lavando as mãos nas aguas do Oceano Pacifico, voltou pelo Amazonas e chegou em S. Paulo tão desfigurado que a sua propria familia o desconheceu.

Poderia alguém suppôr que se trata de Luiz Pedroso de Barros, paulista illustre, casado na familia Araujo Góes, da Bahia, que partiu de S. Paulo em 1660 e foi morrer no Perú dois annos

povoações castelhanas da provincia do Paraguay que não tornaram a fazer passagem para cá, e si assim não fôra seriam hoje os castelhanos senhores de todos estes nossos logares até S. Paulo, Goyas e Minas Geraes.

Correndo os tempos, continuando aquelles aventureiros as suas conquistas, chegaram a navegar o rio Paraguay, descendo uns pelo *Coxim*, outros pelo *Mateteú* e pelo Cahy (1), que sahem ambos das mesmas Vaccarias, e entrando pelas grandes bahias que acompanham as margens deste rio foram achando tantas nações de gentes que não cabem nos archivos da memoria, e só me lembram as seguintes: *Corayás, Paoacentes, Xixibes, Axanés, Porrudos, Xacoreres, Aragoarés, Coxipones, Popucunes, Arapocunes, Mocor, Paragoanes, Apecones, Boripocunes, Itilapores, Jaymes, Goatós e Aicurús.*

Divertidos aquelles portuguezes (2) com estas gentes e fertilidade das terras, adonde se colhem os fructos sem plantar, esquecidos das patrias, mulheres e filhos e, sobretudo, das obrigações de catholicos passavam as vidas,

depois, e cuja historia é pouco conhecida; porém, este naturalmente fez esta viagem influenciado pelo exemplo de Antonio Raposo e devia ter seguido o mesmo caminho e encontrado aquellas aldeias todas destruidas pelo seu predecessor.

(1) O rio *Coxim* contraverte com o Rio Pardo no planalto de Camapuan e vae desaguar no rio Taquary, affluente do Paraguay; o rio *Mateteú* era algumas vezes escripto *Mbotetey*, hoje Mondego, contraverte com o rio Ivinheima, na serra do Maracajú, no sul de Matto-Grosso, e vae desaguar no rio Paraguay entre os fortes de Coimbra e Corumbá.

(2) Poderia haver entre estes bandeirantes alguns portuguezes, porém os chefes eram paulistas e o grosso das forças era composto de indios mansos e mestiços ou mamelucos.

annos e annos, até que subiram o rio Cuyabá, assim chamado por acharem em suas margens cabaças plantadas pelo gentio, de que faziam cuias para seus usos. Outros affirmam que o nome de *Cuyabá* era nome de gentio, que neste rio habitava. Dos capitães das bandieras antigas não achei memorias (1) e só sim dos que exercitaram estes empregos nos tempos proximos ao invento destas minas, que eram os seguintes: — Manoel de Campos, paulista, e seu filho Antonio Pires de Campos (2), João de Farias Taveira, europeó, seu filho João de Farias, Francisco Xavier, europeó, Pedro Leme, Antonio Borrallho de Almada, João Leme e seu irmão Lourenço Leme (3), Gabriel Antunes e seus irmãos

(1) Não podia haver em Cuyabá provas documentadas relativas aos invasores paulistas do tempo porque a região ficou deserta ou em ruinas; porém as expedições foram a de Antonio Raposo em 1648, a de Luiz Pedroso de Barros em 1660 e a de Francisco Pedroso Xavier em 1676; as duas primeiras em caminho para o Perú, como já foi dito, e a ultima, com destino ás missões do Paraguay, só tocou na região do sul de Matto-Grosso—Vaccaria e Yguatemy.

(2) Manoel de Campos era um paulista notavel, de familia illustre, irmão do illustre jesuita Estansláo de Campos; foi casado na familia *Pires* e fez 24 entradas nos sertões, até o Paraguay, a caça de indios. O seu filho Antonio Pires de Campos tambem foi um sertanejo valente, explorou os sertões de Minas Geraes e Goyaz e tornou-se pae do celebre coronel Antonio Pires de Campos, que em meiado do seculo passado, amansou os indios *Bororós*, de que se fez chefe e com os quaes deu muitos combates aos *Cayapós* e fez muitos serviços ao governo colonial.

(3) Estes foram os dois infelizes irmãos Leme, victimados pelo governador Rodrigo Cesar de Menezes em 1723. Vide vol. XII do *Archivo do Estado de S. Paulo*, nota *in fine*. Estes factos tiveram logar em 1718.

(N. do C.)

Antonio Antunes Maciel e Filippe Antunes Maciel (1) e Paschoal Moreira Cabral, todos paulistas (2).

Destes, o primeiro que subiu o rio Cuyabá foi Antonio Pires de Campos em procura do gentio *Coxiponé*, chegou a uma aldeia delles no lugar aonde esteve a capella de São Gonçalo, que por isso tem hoje o nome de *São Gonçalo Velho*, e ahi prendeu muitos e voltou para baixo em procura das mais frotas, que andavam por essas bahias solicitando as mais nações.

No seguinte anno proseguiu Paschoal Moreira Cabral o mesmo rumo em busca dos *Coxiponés*, chegou ao logar da aldeia já destruida e, não achando vestigio algum delles, subiu o rio Coxipó acima (3), nominação

(1) Os irmãos Maciel eram notaveis paulistas, naturaes de Sorocaba e valentes sertanejos. João Antunes Maciel tomou parte na segunda *guerra dos Emboabas*, mas contra os paulistas, auxiliando efficazmente Ambrosio Caldeira Brant na defesa do reducto do *Rio das Mortes*, onde os *emboabás* estavam sitiados pelos paulistas, sob o commando de Amador Bueno da Veiga e Luiz Pedroso de Barros—1710. Parece que aqui o chronista trocou por Felippe o nome de um dos irmãos, que se chamava João Antunes Maciel e foi dos mais notaveis sertanejos. Vide Anexo E do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(2) Faltam aqui os nomes de muitos outros paulistas distinctos que tomaram parte neste descobrimento, como Domingos Rodrigues do Prado, Fernando Dias Falcão, Aleixo Garcia e outros, aos quaes logo se uniram Barbosa Lopes, Almeida Lara, Godoy Moreira e o capitão-mór Braz Mendes, de Sorocaba.

(3) Pelos mappas antigos da região vê-se que havia dois rios com este nome: o *Coxipo-guassú*, que vem do poente desaguar na margem direita do rio Cuyabá pouco acima da povoação; foi o primeiro explorado; o *Coxipó-mirim*, que vem do oriente e desagua na margem esquerda do mesmo rio Cuyabá, abaixo da povoação; é deste que aqui se trata e tinha minas de ouro de ambos os lados.

derivada do nome do mesmo gentio, e, fazendo pouso logo acima da barra, acharam ouro em granetes cravados pelos barrancos.

Neste pouso e primeiro descoberto deixou o capitão a bagagem e seguiu rio acima até o lugar chamado hoje *Forquilha*; ahi achou o gentio, em quem fez suas presas com bastantes mostras de ouro em *botopuis* e outros enfeites e buscando os companheiros com elles desceu a fazer pouso no lugar de São Gonçalo Velho, a que chamavam *aldeia velha*. Ali formaram seu arraial para tomarem descanso, cantando a victoria que alcançaram contra a pobreza e fadigas de suas largas peregrinações, dando uns aos outros parabens por suas fortunas, a quem reciprocamente offerciam laudemios de alegria. Os que haviam ficado na bagagem achavam-se uns a cem outavas, outros a meia libra de ouro, a cinquenta outavas e os mais a este respeito (1), conforme a deligencia que fizeram em cavar com as mãos que outros instrumentos de mineirar não tinham, e os que haviam acompanhado o capitão-mór (2) mais aproveitados, e o mesmo capitão Paschoal Moreira com libra e meia de ouro, todos por fim participantes dos *aurinos* fructos.

(1) Os complexos estão esquecidos hoje; 1 libra tinha 128 oitavas ou 16 onças de 8 oitavas cada onça. *A este respeito é phrase muito empregada no tempo e quer dizer nesta proporção.*

(2) Esta classificação é errada; Paschoal Moreira Cabral não era *capitão-mór* e nem havia este posto entre os bandeirantes. O chefe legal das minas tinha a patente de *capitão-mór regente*, mas era nomeado pelo governo. O capitão-mór Fernando Dias Falcão foi eleito *cabo-maior* das minas de Cuyabá pelos bandeirantes em 1720.

Alli se foram arranchando, fazendo casas e lavouras pelas margens do mesmo rio Coxipó e Cuyabá acima, extincta uma aldeia que se achava no logar que é hoje o *Porto do Borracho*. Passados alguns dias chegou ao arraial a bandeira dos Antunes, que eram os tres irmãos de que já falamos, chamados Gabriel Antunes, Antonio Antunes Maciel e Filippe Antunes Maciel (1), e com a noticia do invento do ouro uniram-se aos descobridores, e fazendo suas consultas assentaram que fosse logo Gabriel Antunes para S. Paulo dar noticia e levar as amostras dos descobertos e trazer os ordens necessarias para o bem commum (2) e serviço de S. Magestade, que com effeito seguiu logo viagem, e juntos os que ficaram mandaram escrever um aranzel para seu regimen, cuja copia é a seguinte:

«Aos oito dias do mez de Abril de mil setecentos e dezenove annos, neste arraial do Cuyabá fez junta «o capitão-mór Paschoal Moreira Cabral com os seus

(1) Aqui continúa o chronista a affirmar que um dos tres irmãos Antunes Maciel se chamava Filippe, quando é certo que o seu nome era João Antunes Maciel, fez varias viagens a Cuyabá, foi nomeado superintendente daquellas minas pelo capitão-general Rodrigo Cezar, tendo a sua patente sido publicada nos *Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo*, de Azevedo Marques; fez mais serviços ao governo pelo que foi remunerado com o habito de Christo e tença annual de 50\$000. Foi casado com Luzia Leme, deixou filhos e os autos de inventario de sua esposa ainda existem em um dos cartorios da cidade de S. Paulo.

(2) Ou isto é lapso do chronista ou houve modificação do plano, porque o enviado das minas de Cuyabá para trazer a noticia a S. Paulo foi Antonio Antunes Maciel, como se vê na *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques, e como adeante o proprio chronista confessa.

(N. do C.).

«companheiros e lhes requereu a elles este termo de
 «certidão para noticia do descobrimento novo que achá-
 «mos no ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Se-
 «nhora da Penha de França, depois que foi o nosso
 «enviado, o capitão Antonio Antunes, com as amostras
 «que levou do ouro ao senhor General (1) com a pe-
 «tição do dito capitão-mór, fez a primeira entrada onde
 «assistiu um dia e achou pinta de um vintem, de dous
 «e de quatro vintens e meia pataca, e a mesma pinta
 «fez na segunda entrada, em que assistiu sete dias, e
 «todos os seus companheiros, as suas custas, com grandes
 «perdas e riscos, em serviço de Sua Real Magestade, e
 «como de feito tem perdido oito homens brancos, fóra
 «negros, e para que a todo o tempo vá isto a noticia
 «de Sua Real Magestade e seus governos para não per-
 «derem seus direitos e por assim ser verdade nos assi-
 «gnamos neste termo, o qual eu passei bem e fielmente
 «a fé do meu officio como escrivão deste arraial. —
 «*Paschoal Moreira Cabral—Simão Rodrigues Moreira—*
 «*Manoel dos Santos Coimbra—Manoel Garcia Velho—*
 «*Balthazar Ribeiro Navarro—Manoel Pedroso Louzano*
 «—*João de Anhaia de Lemos—Francisco de Siqueira—*
 «*Ascenso Fernandes—Diogo Domingues—Manoel Fer-*
 «*reira—Antonio Ribeiro—Alberto Velho Moreira—João*
 «*Moreira—Manoel Ferreira de Mendonça—Antonio*
 «*Garcia Velho—Pedro de Góes—José Fernandes—An-*
 «*tonio Moreira—Ignacio Pedroso—Manoel Rodrigues*
 «*Moreira—José da Silva Paes.*

(1) Este general, governador da capitania de S. Paulo, era Dom Pedro de Almeida, conde de Assumar, que residia em Villa Rica, Minas Geraes, onde a exploração do ouro tinha já adquirido um grande desenvolvimento e havia grandes interesses do fisco portuguez a zelar.

«No mesmo dia, mez e anno atraz nomeados ele-
 «geu o povo em vóz alta o capitão-mór Paschoal Mo-
 «reira Cabral por seu guarda-mór regente até a ordem
 «do senhor General para poder guardar todos os ri-
 «beiros de ouro, socavar, examinar, fazer composições
 «com os mineiros e botar bandeiras, tanto aurinas como
 «aos inimigos barbaros, e visto elegerem ao dito lhe
 «acatarão o respeito que poderá tirar autos contra
 «aquelles que forem regulos, como é amotinador e
 «aleves, que expulsará, e perderá todos os seus direitos
 «e mandará pagar dividas, e que nenhum se recolherá
 «até que venha o nosso enviado, o capitão Antonio
 «Antunes, o que todos levamos a bem hoje, 8 de Abril
 «de 1719 annos, e eu Manoel dos Santos Coimbra, es-
 «crivão do arraial, que o escrevi. — *Paschoal Moreira*
 «*Cabral.*» (1).

(1) Neste logar traz o manuscripto a seguinte importante nota, em lettra muito diversa, cheia de entre-linhas e borrões, e já bastante estragada por traças:

«E' verdade que o capitão Paschoal Moreira Cabral Leme
 «foi o primeiro que chegou ao Cuxipó e que com os da sua
 «bandeira descobriu ouro; e não duvido tambem que logo ali
 «fosse nomeado para guarda-mór das novas minas, não só porque
 «sempre este cargo se costumou dar aos descobridores, mas
 «tambem porque, com effeito, elle se denomina — *Guarda-mór*
 «*das Minas do Cuyabá e seu Districto* — em uma certidão que
 «passou nas mesmas minas a 7 de Abril de 1723 a favor de
 «Fernando Dias Falcão, dizendo: — *O capitão-mór Fernando Dias*
 «*Falcão me chegou a este arraial do Carandá com 130 homens de*
 «*guerra de soccorro na era de 1718, estando eu e os mais sem*
 «*armas, sem polvora, sem chumbo e sem ferramenta, sem termos*
 «*nenhuma resistencia, e com este soccorro ficamos remediados de*
 «*tudo e restaurou nossas vidas, que estavamos sentenciados pelo*
 «*gentio bravo e ficaram as minas desinfestadas, como se vê, tudo*
 «*com risco da sua vida, e despendeu de sua fazenda, e logo foi o*

«Aos vinte e quatro dias do mez de Junho botou
 «o guarda-mór Paschoal Moreira Cabral uma bandeira
 «a descobrimento de ouro, adonde foi por guarda-mór
 «Manoel Garcia Velho junto com o escrivão das datas,
 «adonde descobriu um ribeiro, por nome *São João*, com

*«dito capitão-mór eleito pelo povo para nos reger, o qual em todo
 «este tempo obrou tudo catholicamente, accommodando a todos nós
 «particulares movidos cá amorosamente, conservando o povo unido
 «para se entabolarem estas minas, e como me foi pedida, etc....»*

«Isto mesmo consta de outros documentos originaes que tenho
 «em meu poder. Do que se colhe claramente que o eleito foi
 «o capitão-mór Fernando Dias, que depois foi confirmado pelo
 «General Rodrigo Cezar, por patente de 27 de Abril de 1724,
 «em S. Paulo, que tambem tenho em meu poder e se acha re-
 «gistrada no livro 1º de Registros do governo de S. Paulo, a
 «fls. ... (estão estragados os algarismos).

«Eu não sei onde foi o auctor José Barbosa de Sá buscar,
 «para copiar, estes termos ou assignados, nos quaes se não faz
 «menção do dito Fernando Dias, o qual no anno de 1723 se
 «ausentou para S. Paulo, de onde voltou com o posto de regente
 «confirmado e regimento que lhe deu o General Cezar em 1724
 «em fins do qual se restituiu ao Cuyabá, como consta de muitos
 «documentos originaes que tenho em meu poder. O mesmo diz
 «Taqes, no capitulo de LEMES, pag. ...

«Mas no livro de Taques, pag. 91, se diz que o termo de
 «eleição a favor de Fernando Dias foi a 6 de Janeiro de 1721,
 «e que foi o conductor dos primeiros quintos, que eram 942
 «oitavas e meia de ouro, com que chegou a S. Paulo em 1723.
 «Nota que com effeito o capitão-mór Fernando Dias Falcão se
 «ausentou logo para povoado, donde voltou em 1719 para o
 «Cuyabá, porque consta de um seu requerimento e certidão
 «passada pela camara de Sorocaba, por despacho de 25 de
 «Abril de 1719, que então estava de partida para Cuyabá o
 «dito capitão-mor, levando 40 negros, entre os quaes iam fer-
 «reiros, carpinteiros e alfaiates, e muita bagagem (iam 6 ar-
 «robas de polvora pelo preço tudo de 64\$000), que importou
 «em bastante dinheiro, além das quantias que emprestou a
 «muitas pessoas que iam com elle para pagarem na volta, e

«pinta de oitava e meia, de meia pataca e de dois
«vintens, e outro ribeiro, *Santo Antonio*, com a mesma
«pinta; ribeiros de parte para se repartir, e por assim
«ser verdade mandou o guarda-mór passar este termo
«por mim escrivão das datas, que o escrevi bem e fiel-
«mente a fé do meu officio, hoje quinze do mez de

«eram o capitão-mór Braz Mendes Paes, o capitão Gabriel An-
«tunes, o capitão José Pompéo, o capitão Antonio Antunes, o
«capitão Manoel Fernandes e outros de menos representação;
«além dos quaes iam outros muitos incorporados a monção do
«dito capitão-mór, o qual não fez menção delles porque o seu
«fim foi fazer registrar a importancia das despezas que então
«fez *para ir a conquista do sertão e minas em serviço de S. Mag.e*,
«como allega no requerimento que fez á camara de Sorocaba,
«apresentando o rol de tudo para ali ser registrado, como foi.

«Portanto julgo que com effeito nesta dita viagem é que
«foi eleito capitão-mór pelo povo do Cuyabá, ainda que o Ge-
«neral Rodrigo Cezar diga na sua patente que elle esteve cinco
«annos em Cuyabá donde voltava para S. Paulo no anno de
«1723.»

Esta longa e muito elucidativa nota parece ser de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, juiz em Cuyabá no tempo em que este manuscrito foi elaborado. O arraial de Carandá, nella mencionado, estava na margem esquerda do rio Cuyabá, muito abaixo da cidade, e tornou-se celebre por uma tremenda derrota que os paulistas ali infligiram aos *Payaguás*, em combate fluvial no qual pereceram o notavel sertanejo Pedro de Moraes Siqueira e o frade Antonio das Nascentes, appellidado o *Tigre*.

A patente de Fernando Dias Falcão, passada pelo governador Rodrigo Cesar, foi publicada incompleta por Azevedo Marques nos seus *Apontamentos Historicos* e bem assim o *Auto da Eleição* do mesmo Fernando Dias para *capo-maior* das minas do Cuyabá, o qual traz a data de 6 de Novembro de 1720, sendo portanto erradas as datas mencionadas em Rocha Pitta e Pedro Taques.

Braz Mendes Paes era capitão-mór de Sorocaba, e desta antiga povoação eram naturaes os irmãos Antunes Maciel e

«Agosto de 1719. — *Paschoal Moreira Cabral—Manoel Garcia Velho.*»

Por esta escripta aqui copiada do mesmo original mostra-se ser Antonio Antunes Maciel o enviado com as noticias e mostras de ouro do novo descobrimento, mas por asseveração de alguns daquelle tempo, com quem conversei e de quem alcancei estas noticias, dizem que fôra seu irmão Gabriel Antunes Maciel; sem embargo disso devemos dar maior credito á escripta por ser documento mais verosimil. Fosse elle qual fosse, chegado a povoado com as noticias, fez tudo patente ás justiças de S. Paulo e estas ao General da capitania, o conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida, residente em Villa-Rica de Ouro Preto, e este o noticiou logo ao marquez de Angeja, Dom Braz Bathazar da Silveira, vice-rei do Estado na cidade da Bahia (1), e um e outro á Sua Magestade.

Divulgada a noticia pelos povoados, foi tal o movimento que causou nos animos, que das Minas Geraes, Rio de Janeiro e de toda a capitania de S. Paulo se abalaram muitos, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos, botando-se para estes descobertos como se fôra a Terra da Promissão ou Paraizo incoberto, em que Deus pôz nossos primeiros paes.

Entrado o anno de 1720, fizeram viagem para estas minas algumas gentes divididas em diversos comboios,

Sutil, descobridores das minas do Cuyabá, e os irmãos Paes de Barros, que alguns annos depois foram fundar a povoação de Villa Bella, sobre o rio *Guaporé*, quasi no extremo limite de Matto-Grosso com a Bolívia.

(1) Tinha sido capitão-general de S. Paulo de 31 de Agosto de 1713 a 3 de Setembro de 1717, mas sempre residiu em Minas-Geraes.

(N. do C.)

subindo o rio Anhanduhy, atravessando a Vaccaria, descendo pelo Mateteú, e deste pelo Paraguay acima (1). Padeceram grandes destroços, perdições de canôas nas cachoeiras por falta de pilotos e praticos, que ainda então não havia, mortandades de gentes por falta de mantimentos, doenças, comidas das onças, e outras muitas miserias. Não sabiam ainda pescar, nem caçar, nem o uso de toldar as canôas (2), que tudo lhes apodrecia com as chuvas, nem também dos mosquiteiros para a defesa dos mosquitos, que muitos annos depois foram a experiencia e a necessidade ensinando todas estas cousas pelo que padeceram de miserias sobre miserias os que escaparam da morte. Houve comboyos de canôas em que morreram todos sem ficar um vivo, pois eram achadas as canôas e fazendas podres pelos que vinham atraz, e os corpos mortos pelos reductos e barrancos.

As pessoas de maior nome das que chegaram neste primeiro anno foram as seguintes: — o capitão José de Sá Arruda, com perda de muita escravatura e camara-

(1) Este caminho era mais longo, mais difficil e perigoso do que o do Rio Pardo, Camapuan, Coxim, Taquary e Paraguay, e só a inexperiencia é que podia fazer com que fosse preferido para esta longa viagem. Por esse caminho ainda se encontravam os *Guaycurús*, famosos indios cavalleiros que tinham aprendido a equitação com os jesuitas expulsos da região no seculo anterior pelos bandos de Antonio Raposo.

(2) Estas affirmações são um tanto arriscadas, pois parece impossivel que a geração de 1720 não tivesse aprendido a caçar, pescar e toldar canôas com os grandes sertanejos do seculo anterior, que fizeram viagens muito mais difficeis ao Perú e Bolivia, e ao Piauhy e Maranhão. Isto era antes o effeito da impaciencia e da imprevidencia do que da ignorancia.

das (1); o capitão Jacintho Barbosa Lopes (2); o sargento-mór João Carvalho da Silva; o capitão de mar e guerra João Martins de Almeida e seu irmão Innocencio Martins de Almeida; o capitão José Pires de Almeida, que, morrendo-lhe a escravatura e perdendo tudo o mais que trazia, chegou a dar um mulatinho que tinha em conta de filho por um peixe *pacú* por conservar a vida; João Leite de Barros; Pedro Corrêa de Godoy; o padre Fr. Florencio dos Anjos, religioso carmelita; o padre Jeronimo Botelho, do habito de S. Pedro; o padre André dos Santos Queiroz, do habito de S. Pedro; o padre Fr. Pacifico dos Anjos, franciscano, irmão do capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes.

Chegados estes no fim do anno de 1720 ao arraial e logar chamado hoje *S. Gonçalo Velho*, dahi se passaram logo todos para o Cuxipó acima, ao logar de que já tratamos, chamado a *Forquilha*, aonde formaram arraial e levantaram egreja com o titulo de *Nossa Senhora da Penha de França*, celebraram-se os officios divinos, sendo o primeiro que fez vezes de capellão por

(1) Havia em Ytú uma distincta familia *Arruda Sá*, que mais tarde se espalhou por outros logares; talvez este seja um dos seus membros.

(2) Paulista distincto, que foi victima do despotismo colonial e das intrigas de Caldeira Pimentel, governador de S. Paulo de 1727 a 1732. Chegou a ser provedor de fazenda real em Cuyabá e como tal fez uma remessa de ouro para Lisboa; ao chegar o caixão, sellado com as armas reaes, em São Paulo, foi violado por Caldeira Pimentel, auxiliado por Sebastião do Rego, que substituíram o ouro por chumbo e fizeram o caixão seguir assim para Lisboa. Preso Jacintho Lopes e remetido para Lisboa, conseguiu provar a sua innocencia e voltar a São Paulo, ficando Sebastião do Rego preso em seu logar. Vide annexo B do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(N. do C.).

eleição dos mais o padre Jeronimo Botelho e depois o padre André dos Santos Queiroz.

Correndo o anno de 1722 chegou monção de povoado com maior destroço do que a passada, morrendo innumeraveis pessoas a fome e peste e comidas das onças, cujos corpos eram achados pelos que vinham posteriormente, assim como as fazendas podres, as canôas largadas pelas margens dos rios, e outros mortos dentro dos ranchos nas mesmas redes em que se haviam deitado. Chegaram, comtudo, bastantes gentes, divididas em varias conservas, e com ellas o padre Justo, do habito de S. Pedro, feito vigario curado (1) e da vara pelo Exmo. Bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de S. Jeronimo (2); falharam no Carandá seis mezes, onde levantaram altar e se celebrou missa, por ter noticia que não havia nas minas mantimento algum.

No mez de Outubro deste anno fez Miguel Sutil, natural da villa de Sorocaba (3), viagem para uma roça que havia principiado a beira do Cuyabá, logar que depois foi sitio de Manoel dos Santos Ferreira, depois do padre João Alves Torres, á quem comprou Luciano de Souza Moreira e á este D. Lucrecia de

(1) Este padre Justo tornou-se celebre na primitiva historia do Cuyabá pelas suas lutas com o padre Manoel de Campos e foi expulso de lá pelos irmãos Leme, mais tarde victimados pelo governador Rodrigo Cesar.

(2) Em S. Paulo não havia bispo naquelle tempo e a capitania estava sujeita á jurisdicção espiritual do bispo do Rio de Janeiro.

(3) Eram dois irmãos, Miguel e Sebastião Sutil e fizeram parte dos primeiros descobridores das minas do Cuyabá.

(N. do C.).

Moraes Siqueira e hoje se acha reduzida a tapéra. Chegado a este logar a proseguir os fins das suas plantações, mandou no seguinte dia dous indios ao mel com os preparatorios necessarios, que eram machados e cabças; passado o dia chegaram ao rancho alta noite sem mel algum os dous enviados, contra os quaes enfurecido o amo os reprehendeu asperamente por haverem gasto o dia todo sem montaria, a cujas vózes respondeu o mais ladino: — *Vós viestes a buscar ouro ou a buscar mel*, e perguntando-lhe o amo si tinha achado ouro, metteu o indio a mão ao seio de um jaleco de baeta que tinha vestido, cingido com um cinto por cima, e tirou um embrulho de folhas do matto e o metteu nas mãos do amo; abrindo este as folhas achou 23 granetes de ouro, que todos pesaram 120 oitavas, dizendo o indio que achara muito daquillo. Naquella noite não dormiram o Sutil e um camarada europeó chamado João Francisco, por alcunha *o Barbado*, considerando-se mimosos da fortuna e livres das pensões da pobreza.

Apenas raiava a luz do dia quando já o Sutil, camarada e indios que comsigo tinha, estavam postos a caminho seguindo o famoso meleiro, que tão boas colmeias tinha achado. Guiados por elle chegaram ao logar onde se acha hoje esta villa (1), que era todo coberto de matto serrado e grandiosos alvoredos, e no que é hoje chamado Tanque do... (2), sitio da capella de

(1) O auctor escreve na villa de Cuyabá, cerca de 70 annos depois dos factos aqui narrados. A villa do Cuyabá estava á poucas leguas do logar onde o Sutil encontrou ouro e o caminho fluvial era excellente.

(2) O nome do tanque está devorado por traças, restando comtudo a primeira letra do nome *a* e a ultima syllaba *to*, parecendo pelos retalhos do papel que o nome é *arnesto* (Ernesto).

(N. do C.).

Nossa Senhora do Rosario, mostrou o indio o seu invento, onde logo foram vendo ouro sobre a terra, apanhando-o as mãos sem cavar. Recolheram-se pela tarde aos seus ranchos, o Sutil com meia arroba de ouro, a maior parte delle cavado em seixos, e o camarada João Francisco Barbado com duzentas e oitenta oitavas (1) por ser só e não ter quem o ajudasse.

No segundo dia regressaram para o arraial Cuxipó e fizeram publico o descoberto, ao que se seguiu despejarem todos o arraial e mudarem-se para este sitio, a que chamaram *Lavra do Sutil*, em que foram formando arraial e defructando-as com a grande machina de ouro que extrahiram, pois consta ser a maior mancha que se tem achado em todo o Brazil. Isto succedeu no logar em que está hoje o tanque, pela quadra abaixo até o correjo, e cousa de vinte braças para cada lado, avaliou-se tirar-se deste logar o melhor de quatrocentos arrobas de oiro.

Neste mesmo anno levantou o capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes (3), a sua custa, a Igreja Matriz, coberta de palha, no mesmo logar em que se acha a que hoje existe, dando-lhe o titulo de *Egreja do Senhor Bom Jesus do Cuyabá*, adonde celebrou primeiro missa seu irmão Fr. Pacifico dos Anjos, religioso franciscano.

(1) Meia arroba ou 16 libras, equivalentes a 2.048 oitavas ou cerca de 3.500\$000 pelo valor da oitava de ouro naquelle tempo, moeda portugueza, que vale o dobro da nossa.

(2) Deve o leitor ter em lembrança que este titulo de *capitão-mór* era em Cuyabá todo honorario naquelle tempo. O chefe eleito foi primeiro guarda-mór, Paschoal Moreira, e depois *cabomaior*, Fernando Dias Falcão. Braz Mendes e Jacintho Lopes tinham sido capitães-móres em S. Paulo e guardaram este posto em Cuyabá sem effectividade.

Entrando o anno de 1723 partiu monção para povoado de bastantes canôas carregadas de ouro, em que foram os primeiros quintos que destas minas sahiram para Sua Magestade, e por conductor delles e da mais comitiva o padre André dos Santos Queiroz. Chegada esta a povoado e sabida a grande e quantiosa machina de ouro que ia e que noticiou o dito padre, cuja vóz tudo atroava, foi uma trombeta que chegou ao fim do orbe e soando a fama do Cuyabá por todo o brazilico Hemispherio, até Portugal, e ainda pelos reinos estranhos, tanto que chegaram a dizer que no Cuyabá serviam os granetes de ouro de chumbo nas espingardas para caçar veados, que de ouro eram as pedras em que nos fogões se punham a cozer as panelas e que para o tirar não era preciso mais do que arrancar as tossas de capim e nellas vinham pegados os troços de ouro, e outras mais exagerações que chegavam a fabulosas; si bem que isto de arrancar-se capim e verem-se pegados nas raizes granetes de ouro foi visto por muitas vezes, tanto nas ditas Lavras do Sutil como nas da Conceição, que depois foi arraial (1).

(1) Aqui traz o manuscrito a seguinte nota, em lettra igual á da nota anterior e muito diversa da do auctor:

«1723.—Os primeiros quintos cobrados no Cuyabá importaram em 942 $\frac{1}{2}$ outavas de ouro, que conduziu o capitão-mór *Fernando Dias Paes* a S. Paulo, onde chegou nesse anno. Titulo «de *Taques*, pag. 91, e consta da patente de capitão-regente «passada ao mesmo.»

Na *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, capitulo *Taques Pompéos*, pag. 91, vol. 33 da *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, se diz que realmente os primeiros quintos de ouro trazidos de Cuyabá para S. Paulo montaram a noventas e quarenta e duas oitavas e meia de ouro e que o portador foi Fernando Dias Falcão e não *Fernando Dias Paes*, pessoa muito diversa do primeiro e do padre André dos